

## Cultura surda em Altamira: narrativas, educação e resistência

*Deaf culture in Altamira: Narratives, Education and Resistance*



Guidson Marinho Silva \*

Jonata Souza de Lima \*\*

Léia Gonçalves de Freitas \*\*\*

Recebido em: 3 jun. 2025  
Aprovado em: 14 ago. 2025

**Resumo:** Este artigo apresenta um relato de história de vida que aborda a construção da identidade surda, a cultura surda e o movimento de resistência da comunidade surda em Altamira, Pará, Brasil, ao longo de três décadas (1994-2025). O estudo visa narrar minha experiência pessoal como indivíduo surdo em Altamira (Pará – Brasil), entrelaçando minha trajetória com a história da comunidade surda local e as lutas por direitos, inclusão e reconhecimento linguístico-cultural com base nas lutas anticapacitistas da comunidade surda nas associações que asseguram o empoderamento deste povo surdo. Buscando problematizar a seguinte questão: quais elementos da minha história pessoal e profissional se conectam com a história coletiva da comunidade surda em Altamira? Trata-se de um estudo etnográfico baseado nas memórias, análise de documentos públicos, acervo de imagens e informações coletadas na associação de surdos local. A pesquisa também incorpora dados de outras fontes, como notícias jornalísticas e pesquisas acadêmicas em andamento. Este artigo revela a evolução de direitos socioeducacionais da comunidade surda em Altamira, que a cada conquista se torna mais complexa e diversificada. O estudo conclui que a comunidade surda de Altamira construiu territórios, resistência e empoderamento, impulsionada pela ação coletiva e pela luta por reconhecimento juntamente ao meu ativismo para com o empoderamento e emancipação pessoal e da comunidade surda.

**Palavras-chave:** Surdez. Altamira. História de Vida. Anticapacitismo. Associação.

**Abstract:** This article presents a life story that addresses the construction of deaf identity, deaf culture, and the resistance movement of the deaf community in Altamira, Pará, Brazil, over three decades (1994-2025). The study aims to narrate my personal experience as a deaf individual in Altamira (Pará - Brazil), intertwining my trajectory with the history of the local deaf community and the struggles for rights, inclusion, and linguistic-cultural recognition based on the anti-ableism struggles of the deaf community in associations that ensure the empowerment of these deaf people. Seeking to problematize the following question: What elements of my personal and professional history connect with the collective history of the deaf community in Altamira? This is an ethnographic study based on memories, analysis of public documents, collection of images, and information collected by the local deaf association. The research also incorporates data from other sources, such as news reports and ongoing academic research. This article reveals the evolution of socio-educational rights of the deaf community in Altamira, which with each achievement becomes more complex and diverse. The study concludes that the deaf community of Altamira built territories, resistance and empowerment, driven by collective action and the fight for recognition together with my activism for the empowerment and emancipation of myself and the deaf community.

**Keywords:** Deafness. Altamira. Life History. Anti-ableism. Association.

\* Mestrado em andamento em Estudos em Etnodiversidade – PPGETNO. Pedagogo. Especialização em Ensino de Libras. Professor de Libras na Educação Básica em Altamira (SEMED) e pelo projeto da associação de surdos e a Faculdade Serra Dourada. Contato: guidsonm@gmail.com

\*\* Docente da Faculdade de Educação/UFPa, Campus Universitário de Altamira. Atua na área de atendimento educacional inclusivo, ensino de Língua Portuguesa, AEE dentre outras áreas. Apto a atuar principalmente com surdez e deficiência visual, ensino de Linguagens. Contato: jonatasouza@ufpa.br

\*\*\* Professora Adjunta da Universidade Federal do Pará/UFPa, Campus Universitário de Altamira. Docente permanente e vice-coordenadora do Programa de Mestrado em Estudos em Etnodiversidade – PPGETno. Docente e Coordenadora de Estágios Supervisionados da Faculdade de Educação (FAE). Contato: leiafreitas@ufpa.br

## Introdução

Este texto trata de minha história de vida e ao mesmo tempo em que relato minhas memórias enquanto sujeito surdo assumo uma retórica holista (Candau, 2012) e memória coletiva (Pollak, 1989) onde através de minhas experiências busco evidenciar as experiências que igualmente ilustraram a vivência de meus companheiros da comunidade surda. Portanto, não se trata apenas de referir-se somente a mim, mas criar um conjunto de narrativas que igualmente representam experiências de outras pessoas na mesma situação audiológica em Altamira – Pará.

A comunidade surda, como um grupo cultural e linguístico, constrói e preserva sua identidade social através de memórias compartilhadas, narrativas de resistência e conquistas históricas (Skliar, 2016; Strobel, 2018). Inspirado em Ribeiro (2017), apresento-me como sujeito surdo e ativo desta comunidade e, portanto, parte das indagações que apresento sobre minha vivência são holisticamente representativas desta comunidade, partindo de um 'lugar de fala' de quem cotidianamente trava lutas anticapacitistas que busca romper o silêncio institucionalizado ao sujeito surdo. Desta forma, este trabalho procura publicizar saberes de um indivíduo que milita contra a histórica discriminação feita a um grupo e uma minoria linguística sobre a perspectiva geográfica da Amazônia altamirense (Pará – Brasil).

Trato neste artigo sobre o povo surdo e a comunidade surda com base em Strobel (2018, p. 37): "povo surdo é grupo de sujeitos surdos que usam a mesma língua, que têm costumes, história, tradições comuns e interesses semelhantes" e "comunidade surda é um grupo de pessoas [surdos e ouvintes] que vivem num determinado local, partilham os objetivos comuns dos seus membros, e que por diversos meios trabalham no sentido de alcançarem estes objetivos" (Strobel, 2018, p. 37). Assumo uma atitude discursiva que busca integrar diferentes dimensões – identitárias, culturais, políticas, pedagógicas do povo surdo – numa só compreensão, muitas vezes sem delimitar claramente fronteiras entre teoria, prática, meus valores próprios e do povo que me constitui.

Narrar sobre minha vida e de meus companheiros surdos expõe uma das mazelas atuais da sociedade amazônica altamirense: a existência do 'capacitismo'. Segundo Piccolo (2022), o capacitismo é um sistema de crenças e práticas que hierarquiza corpos, estabelecendo um padrão arbitrário de normalidade que relega a pessoa com deficiência a um estado diminuído de ser humano. Essa opressão generalizada, que

se manifesta desde o preconceito violento até o olhar caritativo, aproxima as lutas do povo surdo a outras discriminações sociais (misoginia, xenofobia, racismo, homofobia etc.). Portanto, nós surdos possuímos conceitos bem formulados sobre o capacitismo, atribuindo-lhe um sinal icônico conforme apresentado na Figura 1.

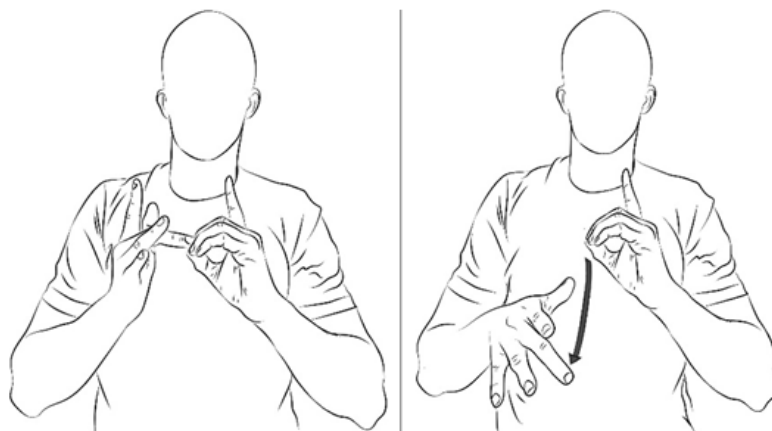
Este sinal icônico apresentado na Figura 1 é um misto de sentimentos que os 'corpos padrões' (ouvintes) podem presumir sobre os 'corpos deficientes' (surdos). Na ideia capacitista, o corpo deficiente é uma tragédia pessoal, portanto, deve ser visto, no mínimo, com comiseração (Piccolo, 2022; Chaves, 2001). Trata-se de algo que nós surdos e todas as outras pessoas com deficiência não aceitamos e, como forma de resistir a preconceitos, elaboramos o que hoje se conceitua como luta 'anticapacitista'.

Para Gesser, Böck e Lopes (2020), a postura 'anticapacitista' surge como uma resposta, valorizando as potencialidades e habilidades individuais por meio de uma educação que promove a justiça social e proporciona a plena emancipação de todas as pessoas. Nesse contexto, o povo surdo se apropria do discurso anticapacitista ao cunhar o termo 'Deaf Power', ou 'Poder Surdo', que se tornou um pilar nos movimentos sociais e de luta da comunidade surda (Sacks, 1998).

Conforme Chaves (2001, p. 187), o poder surdo é viabilizado pela luta coletiva, atuando como um "contradiscurso à visão de incapacitados", que reivindica aspectos essenciais para o desenvolvimento do povo surdo.

Esta expressão, com forte caráter anticapacitista, celebra a identidade, a cultura, as habilidades e a língua de sinais da comunidade, visando garantir igualdade de direitos e acesso a serviços de qualidade. A simbologia do Poder Surdo, como os caracteres "0/>" ou "\0/>", reflete o ativismo em redes sociais mobilizado por toda a comunidade surda (Flores, 2024).

**Figuras 1** – Sinal em Libras de capacitismo



**Fonte:** Imagem produzida pelo surdo Daniel Alef (2025) | Audiodescrição: desenho técnico do sinal em Libras do vocábulo 'capacitismo'. Uma configuração de mão está em letra 'D', representando a pessoa com deficiência, a outra mão está aberta destacando o dedo médio. O dedo médio encosta na configuração de mão do dedo em 'D', este toque é similar ao sinal de 'dó' ou 'piedade' ou 'coitado'.

Nós surdos possuímos nossa luta anticapacitista inspirado no ideal de poder surdo, nos afirmando e nos engajando nos movimentos sociais e debates sobre políticas públicas, tanto em espaços escolares quanto não escolares, em benefício do povo surdo e valorização de todas as pessoas com deficiência.

E como me compreendo nesta sociedade? Como um 'Ser Surdo'. Tal qual meus companheiros, busco viver nas diferentes comunidades surdas, conhecer a cultura, a língua, a história e a representação que atua simbolicamente distinguindo nós, surdos, e a comunidade surda (Strobel, 2018). Sendo surdo, estando no lugar de fala de uma pessoa surda e estando com a comunidade surda, é que formei minha identidade desde a infância até a presente data. Tal movimento aproximativo me gerou processo de empoderamento, no qual é descrito como poder surdo.

Esse poder ocorre, principalmente, quando nós surdos estamos em comunidade, isso é um movimento que ocorre a centenas de anos. A comunidade surda parisiense, liderada por Berthier em 1834, organizou o "1º Banquete" para resistir ao projeto oralista, que promovia rotatividade de docentes e substituição de professores surdos por ouvintes e diminuía os direitos dos surdos em comparação aos ouvintes. A mobilização resultou na abolição da rotatividade em 1836 e culminou na fundação, em 1838, da "Sociedade Central de Assistência e Educação de Surdos-Mudos", que lutou pelas conquistas de direitos igualitários aos surdos expressando o "Poder Surdo" em espaços associativos (Encrevé, 2019; Carvalho, 2011).

Esses anos de lutas geraram retóricas holistas, um conjunto de saberes que hoje constitui o saber surdo que surgiu a partir de diversos artefatos culturais que fundamentam a identidade e a vivência do povo surdo, tais como: experiência visual; desenvolvimento linguístico (por meio da Língua de Sinais); família; literatura surda vida social e esportiva; artes visuais; política; materiais (livros, mídias digitais etc.). Esses elementos, em conjunto, sustentam a cultura surda e refletem sua forma única de estar no mundo (Strobel, 2018). Por exemplo, a Experiência Visual, um dos artefatos culturais o qual valorizo neste artigo, usando várias figuras, serve para que meus companheiros surdos se identifiquem melhor com essa produção. Também, pensando na coletividade das pessoas com deficiência, usei da audiodescrição para incluir meus confrades com deficiência visual.

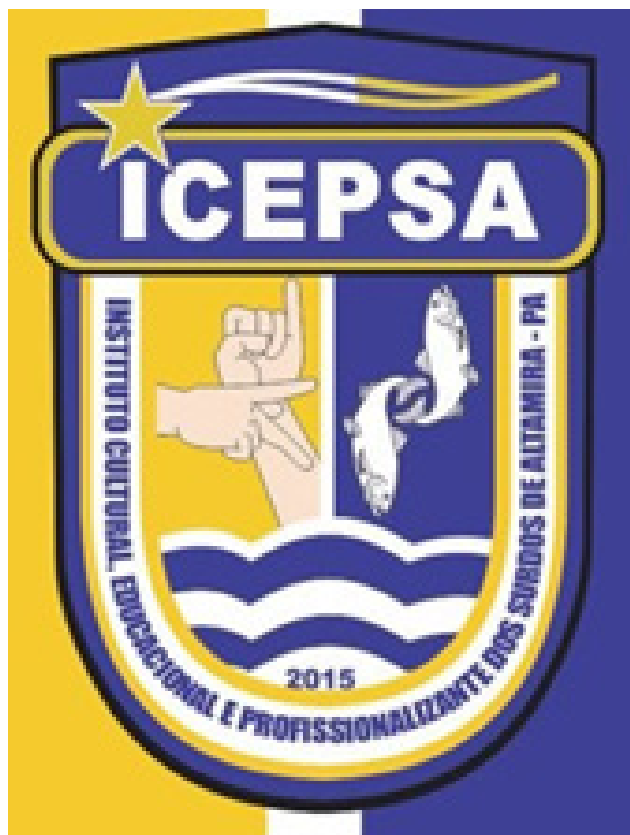
Tento configurar os debates que atravessam a comunidade surda desde Berthier (1834) até o contexto atual de Altamira e para tanto refaço essa leitura histórica, compreendendo meu 'Poder Surdo' e meu coletivo surdo. Dessa forma, falarei sobre duas instituições que foram muito importantes na minha formação humana e para a luta anticapacitista: Centro de Apoio e Promoção de Acessibilidade e Inclusão Social (CAPAIS) e o Instituto Cultural Educacional e Profissionalizante dos Surdos de Altamira (ICEPSA)<sup>1</sup>, cujas logomarcas estão representadas das Figuras 2 e 3.

**Figuras 2** – Logomarca do CAPAIS (2006) | audiodescrição: é um símbolo composto por um grande formato em crescente na cor azul escura, com destaque a letra 'C' que dentro contém três pequenos ícones representando diferentes tipos de acessibilidade (deficiência auditiva, visual, física/ Cadeirante) todo o símbolo destaca a escrita "CAPAIS" escrito em letras menores que a 'C' em cor azul, tudo sobre um fundo branco.



Fonte: dados da pesquisa (2025).

**Figuras 3** – Logomarca do ICEPSA (2015) | audiodescrição: é o símbolo de um escudo dividido verticalmente em amarelo no lado esquerdo e azul escuro no lado direito. Na parte superior, em uma faixa azul, está escrito "ICEPSA" em branco, com uma estrela amarela à esquerda. A área central do escudo apresenta, no lado amarelo, a representação de duas mãos em um sinal de Libras e, no lado azul, duas figuras de peixes sobre as ondas. Na faixa azul que contorna a parte inferior, está inscrito em branco o texto "Instituto Cultural, Educacional e Profissionalizante dos surdos de Altamira - PA", com o ano "2015" centralizado abaixo.



Fonte: dados da pesquisa (2025).



## Metodologia

Metodologicamente, este artigo situa-se no âmbito de um trabalho etnográfico, estruturado principalmente, em minhas memórias, as quais articula interações pessoais e coletivas com a comunidade surda. Tenho como fontes as memórias, mas também fontes mais sólidas como a análise dos documentos de acesso e domínio público; acervo de imagens guardados por mim e meus companheiros surdos, informações cotidianamente coletadas pelo ICEPSA (as quais tenho acesso por ser membro da diretoria desta associação) e notícias produzidas pela mídia jornalística da região do Xingu. Alguns dos dados desta pesquisa foram cedidos pela pesquisa em andamento da tese de doutorado de Lima, Pilar e Vieira (2025).

Este texto é escrito com base nos principais elementos de minha vida, desde os primeiros anos de vida até a fase adulta atual, além de décadas de existência do coletivo das pessoas surdas, portanto, tento abarcar uma cronologia de 30 anos. Coloco-me na situação de quem tem um 'lugar de fala' enquanto sujeito surdo (Ribeiro, 2017), possuidor das ferramentas etnográficas e embasamento nos autores dos estudos surdos. Deste modo, apto a construir uma história consistente das minhas vivências e do povo surdo a que pertencço. Esse estudo traz ainda recorte da minha dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos e Etnodiversidade – PPGETno, da Universidade Federal do Pará, que está em andamento.

## Desenvolvimento

Sou formado em Pedagogia, pós-graduado nas áreas de Libras e Ensino Especial. Atualmente estou cursando Letras – Libras e Mestrado em Estudos em Etnodiversidade na Universidade Federal do Pará. Minha audiodescrição é: “Sou um homem negro, magro (65 kg), 1,70 de altura, tenho barba áspera e sempre uso óculos. Aos leitores cegos, não escutarão minha voz oral, pois, por ser surdo, comunico-me pela Libras, uma língua de modalidade gestual-visual.”

As figuras 4, 5 e 6 ilustram três fases importantes da minha vida: a infância, marcado por um lar acolhedor, com muita liberdade e contato com diversas oportunidades para me marcar como um sujeito saudável; minha adolescência, em que já tinha plena consciência de minha identidade surda e poder surdo, com uma identidade bem consolidada muito influenciada, desde cedo, a participar da associação de surdos de minha cidade, o CAPAIS; e o atual momento adulto, graduado, empregado em um bom cargo e mestrando da maior universidade pública do Norte. Nestas três fases da vida e respectivamente nas fotos, carrego uma cutia, um cartaz de protesto e um diploma de emancipação, todas as três fotos esbanjam um sorriso e a plena consciência e orgulho de ser surdo.

Essa jornada como sujeito surdo teve início nos primeiros meses de vida, quando meus pais ouvintes perceberam minha surdez. Essa configuração familiar – criança surda em um lar ouvinte – é, reconhecidamente, a mais prevalente.

**Figura 4** – Minha infância, 7 anos de idade. | Audiodescrição: eu criança magra, sem camisa, short vermelhos e chinelos segurando uma cutia fazendo carinho nela tal qual um animal de estimação. Nesta foto estou sorrindo muito.



Fonte: arquivo pessoal (2025).

**Figura 5** – Minha adolescência, 17 anos de idade | Audiodescrição: eu jovem segurando um cartaz com o letreiro ‘CAPAIS’ rodeado de fotos de pessoas em contexto escolar. Estou em uma rua movimentada, em uma passeata, atrás de mim há muitas pessoas



Fonte: arquivo pessoal (2025).

**Figura 6** – Minha fase adulta, 27 anos de idade | Audiodescrição: eu adulto em um registro de formatura usando beca e capelo preto com detalhes em azul sentado em uma poltrona com fundo preto



Fonte: arquivo pessoal (2025).

Segundo os estudos, 95% das crianças surdas têm pais ouvintes (Karnopp; Quadros, 2001). O diagnóstico de surdez de um filho é, sem dúvida, um momento de impacto para a família. No entanto, como aponta Skliar (2013), não se trata necessariamente da “dor e senso de perda que é muitas vezes atribuída a ele pelos profissionais ouvintes”.

Acredito que meus pais aceitaram o diagnóstico com notável agilidade e foram assertivos em buscar não apenas o acompanhamento médico necessário, mas também garantir o direito fundamental de acesso à língua de sinais e ao convívio com a comunidade surda.

A busca por informações e tranquilização, mencionada por Skliar (2013) como uma reação comum dos pais, manifestou-se neles tanto na perspectiva clínica – buscando entender as possibilidades terapêuticas – quanto às possibilidades socioeducacionais, procurando ativamente espaços como associações de pessoas com deficiência e escolas especializadas que pudessem me auxiliar em meu desenvolvimento. Este quadro mais amplo de possibilidades fez com que minha família reconfigurasse uma lógica histórica:

Quando o médico apresenta o diagnóstico da surdez, os pais ficam chocados, deprimem-se e culpam-se por terem gerado um filho dito “não normal” e ficam frustrados porque veem nele um sonho desfeito. Então, essas famílias alimentam esperanças de “cura” dessa “deficiência”, ficam ansiosas e questionam: Será que o meu filho surdo um dia ouvirá? Será que um dia ele falará igual à criança ouvinte? Será que um dia ele será mais bem aceito pela sociedade? Será que um dia o meu filho terá uma vida “normal”? (Strobel, 2018, p. 59).

Pode ser que durante algum tempo estes questionamentos ainda fizeram parte da ansiedade dos meus pais para comigo, no entanto estas ansiedades não atravessaram por anos a minha existência, mas certamente eles não se estagnaram na ideia de “cura”. Essa busca ativa pode, de fato, direcionar alguns pais a modelos médicos e à negação da surdez. Contudo, em meu caso, ela também os conduziu ao contato com pessoas surdas e

sua comunidade. Skliar (2013) cita a resposta positiva de famílias que participaram de programas de intervenção mais amplos que proporcionam “uma reavaliação da criança surda com uma consciência mais positiva”. Em minha família, essa interação contribuiu para que a surdez fosse naturalmente compreendida e integrada. Fui sempre tratado com positividade e tive uma rotina equilibrada, dividida entre as vivências de uma criança feliz que tinha uma cutia como animal de estimação e os necessários atendimentos médicos, sociais e educacionais.

Por outro lado, Skliar (2013, p. 22) argumenta que, idealmente, “a língua de sinais foi usada em casa e a criança provavelmente chegava na escola com uma língua funcionante”. Ele enfatiza que “as famílias existem antes, durante e depois das escolas bilíngues. Na verdade, a família é o hospedeiro mais autêntico do bilinguismo.” Infelizmente, esta não foi plenamente a minha realidade.

Como ocorre com tantos outros sujeitos surdos, o meu acesso pleno à língua de sinais se deu prioritariamente nos ambientes escolares e nas interações sociais com outras pessoas surdas. Até hoje, a maioria dos membros da minha família não é bilíngue em Libras, mesmo havendo outros parentes surdos no círculo familiar extenso.

A infância e a pré-adolescência são contadas ao mesmo compasso em que a comunidade surda altamirense integralmente se desenvolve. A comunidade surda de Altamira começou a se articular como um coletivo coeso a partir da fundação em 1994 da Associação das Pessoas com Deficiência da Transamazônica (APDT<sup>2</sup>) e da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), as primeiras associações a militarem pelos direitos das pessoas com deficiência. Neste mesmo ano, eu nasci e já estava em uma cidade que havia coletivos que lutariam pelo meu direito de dignidade humana.

Alguns anos depois, na minha pré-adolescência, em 2006, funda-se o CAPAIS, uma associação voltada para surdos que tinha como objetivo aprimorar os processos de inclusão socioeducacional das pessoas com deficiência e

**Figura 7** – Carteirinha de Identificação confeccionada pela APDT (2007) | Audiodescrição: típica carteirinha de associado com foto, informações pessoais (RG, CPF etc.). Há uma foto 3x4, o CID H91.9 e as informações tanto do filiando quanto da APDT, os dados pessoais foram apagados para preservar informações sensíveis.

The figure shows two identification cards from APDT. The left card is a membership card for a person with a photo, showing fields for name, RG, CPF, and a date of 24/09/2008. The right card is a form for a person named S.J. PORFIRIO-PA, born 27/05/1996, with a signature and the title of President.

**Fonte:** Disponibilizada por um surdo que contribuiu com esta pesquisa



surdos de Altamira e da região do Xingu (Araújo, 2021). Antes do advento dessas associações, grande parte de nós sujeitos surdos altamirenses éramos invisibilizados e sem direito à educação ou vivíamos em um contexto de negação e dúvidas tal qual apresentado por Strobel (2018).

Quanto à Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE), toda minha Educação Básica ocorreu na cidade de Altamira, sendo o fundamental na Escola Deodoro da Fonseca. No contraturno participava dos atendimentos promovidos pela APAE que funcionava como espaço de atendimento fonoaudiológico para a minha oralização.

Na educação regular tinha acesso aos conteúdos escolares comuns a todos, enquanto na APAE havia atendimento com fonoaudiólogo envolvendo exercícios de treinamentos da fala oral. Mesmo assim, no início do meu processo de alfabetização, ambas instituições tinham mais foco na oralidade do que propriamente dito na Libras. Minha experiência na APAE durou pouco menos de dois anos, pois ficou inviável a minha mãe deslocar-se várias vezes ao dia para me levar e buscar em duas instituições diferentes.

Eu e meus amigos surdos, da minha geração, passamos por quase todos os mesmos processos educacionais: Introdução escolar na Escola Deodoro EMEF Marechal Deodoro da Fonseca (Escola Deodoro) com apoio da APAE (atendimento fonoaudiológico) e ensino médio da Escola polivalente.

Nós surdos passamos por várias fases educacionais: inicialmente, em meados dos anos 1980, a Educação Especial era oferecida em escolas especializadas, especificamente voltadas para atender alunos com todos os tipos de deficiência. Neste momento tinha-se mais ênfase os trabalhos educativos da APAE, mas não estive presente nesta fase. Este modelo perdurou até 2003, quando um

projeto transformou uma escola especial em Escola Polo, a EMEF Marechal Deodoro da Fonseca, modelo que vigorou até 2007 e modelo educativo que participei.

A partir de 2008, implantou-se a Educação Especial na modalidade inclusiva. Nessa abordagem, os surdos seriam distribuídos em outras localidades, mas a maioria de nossas famílias, com anuência de nós surdos, optamos em permanecer na EMEF Marechal Deodoro da Fonseca e ao fim do fundamental, nos matricular na Escola Polivalente para fazer o ensino médio (Altamira, 2020; Araújo, 2021; Araújo, Santiago-Vieira e Lima, 2024).

Nestas duas escolas, havia mais acessibilidade, profissionais especializados e um sentimento de território. Esse nosso posicionamento afetivo com essas escolas também remete a uma visão histórica que nós surdos temos de nossas escolas especializadas:

Com frequência, era quando eles chegavam nas instituições para surdos que descobriam outros surdos, tendo como eles o sentimento de não pertencerem completamente à sua família biológica. O instituto então lhes parecia como uma espécie de segunda casa e os estudantes surdos como uma segunda família. Geralmente era também nessa ocasião que eles aprendiam a língua de sinais, o que lhes abria a via da compreensão do mundo ao mesmo tempo que a da comunicação sem entrave. Assim, a “família” dos surdos-mudos assumia simbolicamente o lugar que sua própria família não podia assegurar (Encrevé, 2013, p. 267).

Essas duas escolas possuem um lugar especial na memória coletiva de nós surdos altamirenses. Por muitos anos, foram as únicas instituições que nos acolhiam, criando vínculos afetivos profundos, embora também houvesse sentimentos mistos de satisfação e insatisfação com as experiências vividas nesses espaços.

**Figura 8** – Prédio da Escola Deodoro da Fonseca (2023) | Audiodescrição: Fachada de um prédio escolar vista de fora. Acima da entrada, em destaque, há um grande letreiro escrito “EMEF MARECHAL DEODORO DA FONSECA”. Abaixo do letreiro principal, há uma parede feita de blocos vazados com desenhos, pintada em duas faixas horizontais: a parte inferior é marrom/avermelhada, e a parte superior é bege ou amarela clara, finalizada por uma faixa azul na parte de cima. A entrada principal é um portão de ferro preto, parcialmente aberto, por onde se pode ver o interior do prédio e pessoas desfocadas. À direita do portão, em um pequeno painel, está escrito “SEMED”



**Fonte:** Dados do Google Maps. COSTA, Rodrigo da. Fotografia. Disponível em: <https://bit.ly/ExemploLinkEncurtado>. Acesso em: 16 ago. 2024.

**Figura 9** – Prédio da Escola Polivalente (2020) | Audiodescrição: Fachada de um prédio escolar vista de fora. Acima da entrada, em destaque, há um grande letreiro escrito “Polivalente de Altamira”. Logo abaixo há uma parte vazada e segue o muro. A fachada do prédio é de cor bege, com muro alto e todo fechado. A entrada principal é por um portão médio recuado. Há várias pessoas desfocadas e um veículo dando a ideia de entrada e saída de pessoas.



**Fonte:** Mídia Jornalística. RB1 NOTÍCIAS. Fotografia. Disponível em: <https://www.rb1noticias.com.br/noticia/2433/pais-de-alunos-da-maior-escola-de-ensino-medio-da-cidade-nao-concordam-com-retorno-das-aulas-presenciais-em-altamira-no-pa>. Acesso em: 16 ago. 2024.

Mas, com as mudanças políticas, os surdos de Altamira foram dispersados em várias escolas e atualmente a Escola Deodoro funciona com um berçário. Então finalizei meu período na Educação Básica apesar dos grandes desafios. Em meio a este processo, sempre estive envolvido nos movimentos associativos de minha cidade. Em especial agora destaco a influência do CAPAIS, suas principais ações e algumas críticas.

Com o passar dos anos, desenvolvendo uma maior consciência política, eu e meus companheiros surdos percebemos que no estatuto do CAPAIS há demandas do interesse da comunidade surda como contribuir com a difusão da Libras. Porém, também há temas que não são especificamente de interesse de nós surdos como “Adquirir recursos e equipamentos que facilitem a autonomia da pessoa com deficiência, como por exemplo, impressora Braille, material didático, órtese e prótese” (Estatuto do CAPAIS, 2006, p. 2).

Um outro elemento é que sua primeira diretoria possuía como presidente uma pessoa ouvinte, que também não era uma pessoa com deficiência, mas descontente com as situações de exclusão social. Em especial sofrida pelo seu irmão surdo, se interessava pela luta que representaria, com ênfase, a comunidade surda, entre outras deficiências (Araújo, 2021).

Estas questões emergem o desejo em nós surdos de redefinir o Estatuto para garantir que a representatividade máxima do povo surdo seja de uma pessoa surda e que também haja no Estatuto a clareza de tratar apenas das nossas especificidades, uma vez que estávamos longe de conseguir abarcar outras deficiências, tendo em vista que apenas a nossa pauta já era por demais exaustiva e insuficiente alcançada.

O ICEPSA surge em 2015 em substituição ao CAPAIS<sup>3</sup>. Neste processo, manteve-se o CNPJ, houve

transferências de patrimônio e cadastro de associados. Segundo Lima, Pilar e Vieira (2025), reestruturou-se o Estatuto, Regimentos, identidade visual e outros elementos para que se consolidasse uma mudança ideológica. A modificação do CAPAIS para o ICEPSA é tão profunda que alterou significativamente a própria redação do Estatuto Social.

O ICEPSA, enquanto associação plenamente de surdos, desde o seu primeiro estatuto, tem demonstrado sua ideologia distinta do CAPAIS. Uma outra característica marcante do estatuto do ICEPSA, que acompanha uma demanda histórica do povo surdo, é a proteção contra intervenções de ouvintes, como fica claro no Artigo 19º: “Para cargo de Presidência, só poderá ser surdo” (Estatuto do ICEPSA, 2015, p. 7). Artigo este que compõe outros estatutos de outras associações de surdos e também o da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos (FENEIS). “Art. 30, Parágrafo 3º - Os cargos de Diretor-Presidente e de Diretor Primeiro Vice-Presidente serão exercidos exclusivamente por pessoas surdas.”

Os surdos altamirenses, com a força associativa, conseguiram um caminho para uma maior autonomia, compreensão acerca dos seus direitos linguísticos e emancipação na sociedade complexa em que viviam graças à luta histórica do CAPAIS, continuada pelo ICEPSA. Atualmente há uma segunda associação de surdos, a ASAXT.

Atualmente a comunidade surda de Altamira é complexa, os surdos estão incluídos em vários espaços. Há duas associações de surdos em funcionamento, os surdos participam de distintas religiões, frequentam vários espaços. Há surdos presentes em vários eventos da cidade, para expressar melhor a multiterritorialidade e presença larga dos surdos em Altamira, conforme apresentado no Quadro 1.

**Figura 10** – Comunidade surda em um evento de lazer (2009) | Audiodescrição: Grupo de 16 pessoas surdas ao ar livre, em duas fileiras laterais. Todos vestindo a camisa da associação CAPAIS, um uniforme branco com a logomarca ‘CAPAIS’. Ao fundo, há um prédio do aeroporto da cidade. Os rostos na imagem estão desfocados.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

**Figura 11** – Comunidade surda em um evento de panfletagem (2023) | Audiodescrição: Grupo de 18 pessoas surdas ao ar livre em uma orla em manifestação com cartazes com escrito “+ Legenda – Exclusão #surdosestão” e “# CINEMA PARA SURDO VER”. Todos usam uma camisa preta com a seguinte frase “Legenda para quem não ouve, mas se emociona”. Os rostos na imagem estão desfocados.



Fonte: Arquivo pessoal (2025).

**Quadro 1** – Espaços e territórios mais frequentados pela comunidade surda de Altamira 2006-2025

<b>Espaço/ território</b>	<b>Dia e horário</b>	<b>Observação</b>	
ICEPSA	Sábados, 16:00 às 18:00	A sede funciona na casa da família dos principais sócios fundadores	Ativo
ASAXT	Sextas-feiras, das 15 às 18 horas	No prédio em que funciona o Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos (SCFV), os surdos usam este espaço aos fins de semana para socialização e reunião em brincadeiras.	Ativo
Centro de Convenções e Cursos	Domingos, das 18 às 20 horas	Nesta grande área de eventos há uma quadra de futsal em que surdos e ouvintes que sabem um pouco de Libras reúnem-se para jogos amistosos de futsal	Ativo
Igreja Católica - Catedral Sagrado Coração de Jesus	Domingos, 19:00 às 21:00	Esta igreja centraliza as missas com acessibilidade em Libras. Frequentemente nós surdos vamos a este espaço, basta apenas entrar em contato com a equipe de Liturgia para reservar os lugares na frente para os surdos e convidar os intérpretes de Libras.	Ativo
Reino da Testemunha de Jeová	Quartas 19:30 e Sábado 19:00	Esta denominação religiosa é um modelo de acessibilidade em Libras, tendo todos os seus materiais em formato bilíngue em DVD. Sempre há intérpretes de Libras disponíveis.	Ativo
Igreja Quadrangular e Igreja Batista Memorial	Incerto	Nestas duas denominações há tradutoras intérpretes de Libras congregantes que quando acionadas disponibilizam-se no serviço de tradução.	Ativo
Uma instituição de cursos técnicos (nome suprimido)	Semanalmente noturno	Essa instituição, anualmente, oferta cursos gratuitos diversos, inclusive de Libras e convida a comunidade surda para estes cursos.	Incerto
EEEM Polivalente	Semanalmente diurno	É a escola de referência para os surdos que estão no ensino médio, é nesta escola em que a maioria de nós surdos nos formamos.	Ativo
EMEF Deodoro da Fonseca	Semanalmente diurno	Por anos foi a escola de referência a formar surdos na Educação básica na etapa do fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (Araújo, 2021). Contudo, em 2023 esta escola foi transformada em um berçário.	Inativo
EMEIF Ulysses Guimarães	Semanalmente diurno	Com a EMEF Deodoro da Fonseca transformando-se em berçário, e a reconfiguração da Educação em Altamira para o modelo inclusivo, parte do corpo pedagógico com experiência em Educação Especial e a demanda de surdos foi para a EMEIF Ulysses Guimarães.	Ativo
EEEM Odila De Sousa, EMEF João Rodrigues da Silva, EMEFE Saint Clair Passarinho	Semanalmente diurno	Estes são exemplos de escolas municipais que mais recebem alunos surdos.	Volátil
UFPA	Sábado, 8:00 às 12:00	A universidade oferta cursos de Libras e sempre convida os surdos para participarem tanto comoicineiros quanto para socializarem com os estudantes que estão aprendendo Libras. No entanto, dois servidores concursados da área de Libras desta universidade se afastaram para doutorado inviabilizando a continuidade dos cursos de Libras.	Inativo
<b>SEM HORÁRIOS E DIAS DEFINIDOS</b>			

Shopping e Cinema da cidade; Casa do presidente da ASAXT; ações desenvolvidas pela Prefeitura de Altamira;

**Fonte:** Elaborado em parceria com Professores de Libras da UFPA (2025).



Os espaços supracitados são compreendidos como territorialidades reais ocupados pelas pessoas surdas de Altamira, cada surdo, segundo suas autodeterminações elegerá algum destes territórios como o mais determinante para a sua identidade. Acerca disso, Saquet Sposito *et al.* (2008 p. 30) discutem que “hoje, é possível inventar um território combinando elementos que não se encontram naturalmente reunidos no espaço geográfico”. Estes territórios inventados foram gradativamente se tornando bens imateriais da comunidade surda.

Nessa perspectiva, a comunidade surda da Amazônia paraense construiu territórios constituintes do mundo material percebido e espaços digitais os quais carregam significados. Estes espaços, físicos e imateriais se tornam *lócus* produtores de imagens ou representações que podem ser manifestadas através de diversos tipos de linguagem (Saquet; Sposito *et al.*, 2008).

Cada um destes espaços possui narrativas próprias tendo como eixo central a surdez e a Libras e todos podem de maneira independente contar a história de existência das pessoas surdas que lá frequentam. Nestes lugares, vemos a concepção de um território que se está enraizado “numa mesma identidade e que reúne indivíduos com o mesmo sentimento” baseado na linguagem e audiologia (Saquet; Sposito *et al.*, 2008, p. 218).

Um outro elemento determinante em minha vida e na vida de mais outros colegas surdos foi o nosso contato com a universidade e posteriormente, o direito de cursar o ensino superior, como demonstrada na Figura 13:

Com o término do ensino médio, estava desempregado, sem clara expectativa de continuidade dos estudos e ainda recebendo o Benefício de Prestação Continuada (BPC). Para ocupar de maneira mais saudável o meu tempo, me envolvi com as atividades do ICEPSA que estavam sendo desenvolvidas dentro da UFPA, em especial, as atividades de extensão organizadas naquele tempo por dois professores de Libras recém concursados. Naquela época, nascia em mim o desejo de entrar no ensino superior e sonhava com uma empregabilidade que não me deixasse mais dependente do BPC.

Naquele mesmo período os surdos do ICEPSA e profissionais da UFPA incluíram a proposta do curso *Pedagogia Bilingue (Licenciatura)* no Plano de Desenvolvimento do Campus Universitário de Altamira (UFPA, 2017). Este curso seria a melhor solução para uma inclusão maciça de surdos no ensino superior.

Durante meses, esta proposta foi tratada com muito esmero e atenção pela comunidade surda altamirense. Todos os documentos curriculares necessários foram elaborados em um planejamento coletivo com a comunidade surda, e a proposta foi encaminhada às instâncias de aprovação de novos cursos na Reitoria da Universidade Federal do Pará (UFPA). Eu também me organizei para iniciar minha graduação na UFPA.

**Figura 12** - Evento organizado pelo ICEPSA no Dia das Mulheres (2024) no SCFV. | Audiodescrição: várias pessoas em um evento comemorativo, a maioria são mulheres. A foto enquadra uma mulher de costas usando uma camisa com a logomarca do ICEPSA e a sigla do SEMAPS. O ambiente é aberto com vegetação ao fundo, uma grande mesa com forro branco com alimentos e bebidas, há balões rosa alusivos à data de dia das mulheres.



Fonte: Redes Sociais da comunidade surda de Altamira (2024).

**Figura 13** – Surdos em evento da Universidade Federal do Pará - UFPA (2017) | audiodescrição: Eu e mais dois colegas surdos, estamos em pé, em um ambiente interno de auditório, estamos de frente a uma mesa. Vestimos uma camisa branca com a logomarca do ICEPSA. A mesa à frente está coberta pela bandeira da UFPA. Nós apontamos para esta bandeira da UFPA em uma expressão corporal de satisfação. Os rostos estão embaçados.



Fonte: arquivo pessoal (2025).

Infelizmente a proposta do curso de Pedagogia Bilingue (Licenciatura) não prosperou, ficávamos meses sem resposta e por fim entendemos que as questões orçamentárias e a burocracia interna não favorecem este curso, prova disso, foi que este curso nunca aconteceu. Uma outra situação foi a ausência de intérpretes de Libras e os poucos profissionais de inclusão que estavam sobrecarregados nos cursos de extensão em Libras e na luta pela abertura do curso de Pedagogia Bilingue – Licenciatura.

Após meses de espera, e desacreditados, tanto do curso de Pedagogia Bilingue e da contratação de Tradutores intérpretes de Libras, procuramos uma outra instituição particular para fazermos o curso de pedagogia. Em instituições particulares seria mais ágil o processo de contratação de um profissional. Sendo assim, nos matriculamos neste curso na instituição particular em que conseguimos concluir o ensino superior.

O contexto de surdos formados no ensino superior ainda é uma questão sensível, há no total apenas 4 (quatro) surdos com este nível de escolarização, apesar da cidade demandar muito mais profissionais surdos. Todos nós atuamos em diversas escolas, com carga-horária cheia,

infelizmente, sem poder oportunizar que todas as crianças surdas possam ter o contato com o profissional surdo em sua fase de desenvolvimento.

Uma educação multicultural genuína para as crianças surdas deveria abraçar a linguagem e a cultura da comunidade dos surdos. Entretanto, algumas das escolas, ativas na promoção da educação multicultural para os alunos surdos, não usam a ASL em suas salas de aula. Talvez eles tenham pouco ou nenhum professor surdo (Sklar, 2013, p. 160).

O contexto apresentado por Sklar (2013), a educação de surdos norte-americanos, é ainda mais complexa na Amazônia altamirense, que muito carece de políticas públicas de incentivo a surdos para se formarem em licenciaturas e assim serem eles os próprios educadores das novas gerações de surdos.

Apesar das dificuldades aqui demarcadas, no ano de 2024, obtive sucesso no processo seletivo de ingresso no mestrado na UFPA. Atualmente sou o único surdo cursando o mestrado e o primeiro surdo a ingressar na UFPA de Altamira. Com isso carrego a responsabilidade de ser uma referência para meus companheiros surdos e ser um exemplo de acadêmico para alargar as possibilidades de eles também entrarem.

Hoje todos os surdos estão atentos a possibilidade de ingresso na UFPA tendo em vista que já há uma tradutora intérprete de Libras presente no *campus*, além do apoio da coordenadoria de inclusão na reitoria da UFPA para disponibilizar tradutores intérpretes remotos e a possibilidade de contratação de mais tradutores intérpretes de Libras.

Minha conquista mais recente e significativa foi a obtenção da Carteira Nacional de Habilitação (CNH). Este marco pessoal não seria possível sem o apoio incansável e os esforços coletivos da minha comunidade surda representada pelo ICEPSA e de associações fundamentais como a Associação Desportiva de Integração para as Pessoas com Deficiência do Polo Xingu (ADEPIX).

A ADEPIX desempenhou um papel crucial ao representar o coletivo das pessoas com deficiência em uma ação decisiva junto ao Ministério Público do Pará. Essa intervenção foi fundamental para exigir que o Departamento de Trânsito (Detran) em Altamira ajustasse suas práticas,

garantindo um processo de habilitação com máxima acessibilidade para pessoas com deficiência.

Suas reivindicações incluíram a eliminação de barreiras, a assegurar a presença constante de intérpretes de Libras em todas as etapas e a exigência de ética e cuidado por parte de todos os servidores do Detran (Soares, 2025). O impacto direto dessa mobilização é evidente no cenário local, conforme ilustrado na Tabela 2.

Antes de 2006, não havia a presença do CAPAIS e não havia registros de surdos habilitados (0%), isto porque a maioria de nós surdos estávamos em evasão da escola, com péssimos índices socioeducacionais:

Entre os desafios que o CAPAIS enfrentou em Altamira, e trabalhou para sua superação, está a constatação de um elevado número de pessoas com surdez fora da escola. No ano de sua fundação, apenas 1,64 % das pessoas surdas cadastradas pela organização haviam concluído o Ensino Médio e 34,43% estavam matriculadas no Ensino Fundamental e Médio. Todos com defasagem idade/série. No entanto, 63,93% não frequentavam ou haviam abandonado a escola sem concluírem o Ensino Fundamental. Com a sensibilização, todos foram matriculados nas escolas (Araújo, 2021, p. 78)

Mas a atuação das associações mudou este quadro drasticamente. Em 2024, um grupo de surdos iniciou seus processos e, na atualidade (2025), nós celebramos um total de 23 surdos com CNH, representando um avanço. Eu me incluo nessa estatística recente, tendo iniciado meu processo em 2024 e agora com o documento em mãos.

A associação CAPAIS, continuada pelo ICEPSA, também teve participação ativa, contribuindo com a mobilização de intérpretes de Libras e atuando como uma frente discursiva essencial para reivindicar melhorias na acessibilidade e nos incentivar a prosseguir.

Para muitos, a obtenção de uma CNH pode ser algo simples, mas para nós, surdos, que ao longo da história enfrentamos barreiras significativas no acesso a direitos básicos, esta conquista é mais que um documento; é uma vitória coletiva e um símbolo de ‘emancipação’. Ao celebrar este avanço, é importante recordar o pioneirismo do senhor Mário Júlio de Mattos Pimentel, o primeiro surdo a obter sua habilitação no Brasil, em 1975, um marco que abriu caminhos para todos nós (Vieira, 2015).

Tabela 1 – Perfil de surdos habilitados ou em processo de habilitação em Altamira (Universo: 39 surdos)<sup>4</sup>

Situação em Relação à CNH	Antes de 2006 (%)	2024 <sup>5</sup> (%)	2025 (Atualidade) (%)
Surdos com CNH	0%	≈ 41% (16 pessoas)	≈ 59% (23 pessoas)
Surdos em processo de CNH	0%	≈ 18% (7 pessoas)	0% (0 pessoas)
Total (Com CNH ou em processo)	0%	≈ 59% (23 pessoas)	≈ 59% (23 pessoas)

Fonte: Disponibilizada por um surdo que contribuiu com esta pesquisa

Atualmente sou um adulto surdo emancipado, com uma vida afetiva complexa, com independência financeira, atualmente, com a responsabilidade de ser um exemplo para meus colegas surdos. Como desejo principal quero ser o melhor educador possível e sei que isto é incrível, pois estou aprimorando meus conhecimentos em um mestrado, mas estou ciente que tenho uma luta intensa pela frente para conseguir concluí-lo. Reafirmo meu dever de manter uma luta anticapacitista e ser parte eficiente em uma mente coletiva que deseja uma sociedade mais justa e solidária. Com isto encerro este curto relato que buscou trazer tanto minhas vivências, dos meus companheiros surdos e uma breve história da inclusão de surdos em Altamira – Pará.

## Considerações finais

Ao longo deste artigo, desenvolvi uma narrativa que perpassa minhas três décadas de existência com destaque a elementos de minha infância, adolescência e vida adulta. Sim, a minha história de vida é inseparável da história da comunidade surda de Altamira. Minha trajetória pessoal, marcada por desafios e conquistas, ecoa e reflete a luta coletiva por reconhecimento, inclusão e direitos.

A formação de associações como CAPAIS e ICEPSA desempenharam um papel fundamental na organização da comunidade, na promoção da cultura surda e na reivindicação de acessibilidade e educação bilíngue e foram meus pilares de desenvolvimento.

Pretendi destacar o conceito de “Poder Surdo” que emerge como um fio condutor essencial. Este poder representa a força da comunidade surda quando unida, a capacidade de resistir à opressão e de construir um futuro mais justo e igualitário, mas este poder só pode manifestar-se nas ações coletivas, na luta por direitos, na criação de espaços de encontro e na celebração da identidade surda.

Este artigo evidenciou que ainda há em aberto a educação bilíngue, um ponto central e recorrente. O acesso à Libras e a uma educação que valorize a cultura surda são cruciais para o desenvolvimento pleno das pessoas surdas. Demonstrei que há desafios a serem enfrentados e a importância de ter professores surdos como modelos e referências. Portanto, a luta pela criação de um curso de *Pedagogia Bilíngue* na UFPA e de uma educação bilíngue na educação básica reflete a busca por um futuro onde a educação seja verdadeiramente inclusiva.

Neste relato dei destaque a minha obtenção da CNH e por diversos membros da comunidade surda demonstrando que este é mais do que um simples documento. É um símbolo de emancipação, de autonomia e de superação de barreiras históricas. Essa conquista, resultado da luta coletiva e do apoio de associações como ADEPIX e ICEPSA demonstra o poder da organização e da reivindicação por direitos.

Dentro dos relatos apresentados, destaquei que a presença crescente de surdos no ensino superior e em diversos territórios, embora ainda um desafio, representa um avanço significativo. O meu ingresso no mestrado é um marco importante e um incentivo para que outros surdos busquem a formação acadêmica na universidade pública. A luta por mais intérpretes de Libras e por políticas públicas de incentivo à educação de surdos continua sendo essencial.

Por fim, este relato deixa claro que a comunidade surda de Altamira construiu um território de resistência e empoderamento. Os espaços frequentados pela comunidade, as associações, as igrejas e a universidade são mais do que locais físicos. São territórios simbólicos, onde a identidade surda se fortalece, a cultura se manifesta e a luta por direitos continua. Ao caro leitor, disponibilizo uma história de vida e de uma cidade no coração da Amazônia como prova de resiliência, de esperança e de busca por um futuro mais justo e inclusivo para todos. ■

## Notas

- <sup>1</sup> Não abordarei uma nova associação denominada de Associação de Surdos de Altamira Xingu e Transamazônica – ASAXT por ser uma entidade ainda muito recente.
- <sup>2</sup> Anos depois de sua fundação, esta associação foi encerrada e refundada no nome de Associação Desportiva para o Deficiente do Polo de Inclusão Xingu (ADEPIX).
- <sup>3</sup> Fonte: Acervo de documentos do CAPAIS/ICEPSA e CNPJ BIZ. Instituto Cultural Educacional e Profissionalizante dos Surdos de Altamira – ICEPSA - 08.579.368/0001-68. Disponível em <https://cnpj.biz/08579368000168>. Acesso em: 20 maio 2024.
- <sup>4</sup> O universo de 39 pessoas é o número médio de surdos que sabem ler e escrever e têm idade superior a 18 anos. Este número aproximado foi conjecturado conforme Ficha de filiados do ICEPSA.
- <sup>5</sup> Este levantamento foi realizado pelo ICEPSA em 2024 quando os surdos se inscreveram coletivamente no programa do Governo Estadual intitulado “CNH PAI D'ÉGUA”. Fonte: EDITAL PROGRAMA CNH PAI D'ÉGUA Nº 01/2024 – DETRAN/PA disponível em <https://cnhpd.detran.pa.gov.br/edital2024> acessado em 07 maio de 2025.



## Referências

- ALTAMIRA. Secretaria Municipal de Educação. **Documento Curricular Municipal:** Educação Infantil e Ensino Fundamental. Altamira, PA, 2020.
- ARAÚJO, Paulo Jeferson Pilar; SANTIAGO-VIEIRA, Silvio; LIMA, Jonata Souza de. Desafios na construção de um currículo na modalidade bilíngue na Amazônia Altamirense, Pará: interfaces com a educação especial. **Interterritórios: Revista de Educação**, Universidade Federal de Pernambuco, Caruaru, BRASIL, v. 10, n. 9, e262676, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51359/2525-7668.2024.2626764>. Acesso em: 4 maio 2025.
- CANDAU, Joël. **Memória e identidade.** Tradução Maria Leticia Ferreira. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAPAIS, Centro Apoio e Promoção de Acessibilidade e Inclusão Social. Estatuto Social. Altamira, PA: **2º Ofício de Registro de Pessoas Jurídicas e Tabelionato de Notas**, 11 jan. 2007. Documento não publicado.
- CARVALHO, Paulo Vaz de. **História da educação de surdos II.** Lisboa: Universidade Católica Editora, 2011. 104 p. (PRO\_LGP: Língua gestual portuguesa; 10). ISBN 978-972-54-0292-4.
- CHAVES, Ernando Pinheiro. O poder surdo e o poder do ouvinte: quem pode mais, afinal?. In: VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antonio Germano; FONTELES FILHO, José Mendes (Org.). **Ditos (mau)ditos.** Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 2001, p. 187-197.
- ENCREVÉ, Florence. A « família » dos surdos-mudos face à ideia do progresso no século XIX. Moara – **Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras**, [S.l.], n. 51, p. 261-282, ago. 2019.
- FENEIS, FEDERAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E INTEGRAÇÃO DOS SURDOS. Estatuto. **Registro Civil das Pessoas Jurídicas de Belo Horizonte – MG.** Belo Horizonte, 2022. Disponível em: <https://feneis.org.br/wp-content/uploads/2023/01/Novo-Estatuto-2022.pdf>. Acesso em: 3 maio 2025
- FLORES, Gustavo. **Deaf Power:** símbolo de resistência surda nos tempos de greve. PET Letras UFSC, Florianópolis, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://petletras.paginas.ufsc.br/2024/06/05/deaf-power-simbolo-de-resistencia-surda-nos-tempos-de-greve/>. Acesso em: 15 ago. 2025.
- GOMIDES, Paula Aparecida Diniz; CAMPELLO, Ana Regina e Souza; SILVA, Erliandro Felix; FRACIONI, William Velozo. Surdez, educação de surdos e bilinguismo: avanços e contradições na implantação da Lei nº 14.191/2021. **Revista Sinalizar**, v. 7, e72116, 2022. DOI: <https://doi.org/10.5216/rs.v7.72116>. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revsinal/article/view/72116>. Acesso em: 8 ago. 2024.
- GESSER, Marivete; BÖCK, Geisa Letícia Kempfer; LOPES, Paula Helena (Org.). **Estudos da deficiência:** antipacitismo e emancipação social. Curitiba: CRV, 2020. 248 p.
- ICEPSA. Instituto Cultural Educacional e Profissionalizante dos Surdos de Altamira. Estatuto social. Altamira, PA: **2º Ofício de Registro de Pessoas Jurídicas e Tabelionato de Notas**, 20 mar. 2015 [documento não publicado].
- KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (Org.). **A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil:** um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230. Disponível em: [https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Karnopp\\_Muller\\_EducaC3A7ao\\_infantil\\_surdos\\_cero\\_seis\\_anos\\_2001.pdf](https://cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Karnopp_Muller_EducaC3A7ao_infantil_surdos_cero_seis_anos_2001.pdf). Acesso em: 4 maio 2025.
- LANE, Harlan. **A máscara da benevolência:** a comunidade surda amordaçada. São Paulo: Instituto Piaget, 1992. 286 p.
- LIMA, Jonata Souza de; PILAR, Paulo Jeferson Araújo; SANTIAGO, Silvio. O associativismo da comunidade surda na Amazônia: história, conflitos e desafios educacionais. **Momento – diálogos em educação**, Rio Grande, RS, v. 34, n. 2, p. 446-464, maio/ago. 2025. DOI: 10.14295/momento.v34i2.17312. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/17312>. Acesso em: 16 ago. 2025.
- PICCOLO, Gustavo Martins. **O lugar da pessoa com deficiência na história:** uma narrativa ao avesso da lógica ordinária. Curitiba: Appris, 2022. 355 p.
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é:** lugar de fala?. Belo Horizonte. Letramento. 2017.
- SÁ, Nídia Regina Limeira de. **Cultura, poder e educação de surdos.** 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2010.
- SACKS, Oliver W. **Vendo vozes:** uma viagem ao mundo dos surdos. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SAQUET, Marcos Aurelio; SPOSITO, Eliseu Savério (org.). **Territórios e territorialidades:** teorias, processos e conflitos. Expressão Popular. São Paulo, 2008.

SKLIAR, Carlos (Org.). **Atualidade da educação bilíngue para surdos:** processos e projetos pedagógicos. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2013.

SKLIAR, Carlos. (Org.). **A Surdez:** um olhar sobre as diferenças. Ed. 8. Porto Alegre: Mediação, 2016. 192 p.

SOARES, Wilson. MP de Altamira firma TAC com Detran para que pessoas com deficiência possam realizar o teste prático da carteira de habilitação. **A Voz do Xingu**, Altamira, 28 nov. 2023. Disponível em: <https://avozdoxingu.com.br/mp-de-altamira-firma-tac-com-detrان-para-que-pessoas-com-deficiencia-possam-realizar-o-teste-pratico-da-carteira-de-habilitacao/>. Acesso em: 7 maio 2025.

STROBEL, Karin. **As imagens do outro sobre a cultura surda.** 4. ed., 1. reimpr. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2018.

VIEIRA, Paulo. Luta silenciosa: a história de um dos primeiros surdos brasileiros a conseguir sua carteira nacional de habilitação. **Uncle**, 11 de agosto de 2015. Disponível em: <https://uncle.com.br/maranovo/2015/08/11/luta-silenciosa-a-historia-de-um-dos-primeiros-surdos-brasileiros-a-conseguir-sua-carteira-nacional-de-habilitacao/>. Acesso em: 7 maio 2025.